

Textos construídos na *internet*: oralidade ou escrita?♦

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade*

“Se o espaço é infinito, nós podemos estar em qualquer ponto do espaço. Se o tempo é infinito, nós podemos estar em qualquer ponto do tempo”.

(*Livro de Areia*, de Jorge Luis Borges)

Considerações Iniciais

Este artigo busca abordar questões relacionadas à natureza dos textos construídos na *internet*¹, o chamado hipertexto: texto construído eletronicamente, produto lingüístico das novas tecnologias de escritura, que materializam elementos próprios da oralidade e/ou da escrita. Essas novas tecnologias geram variadas e heterogêneas práticas sociais que são articuladas e propagadas pela linguagem. Cabe apontar que, neste trabalho, a linguagem é vista como uma atividade interativa, o que leva – conforme diz Koch (2002, p. 61) – “necessariamente a uma concepção processual da construção de sentido”.

1. O que é hipertexto

O hipertexto é, segundo Tosca (1999, p.575), “basicamente um texto não-linear em que o leitor tem a possibilidade de ‘navegar’ a seu gosto”. A metáfora faz referência ao fato de que a tecnologia informática possibilita o hipertexto, ou seja: um texto na tela unido a outros textos por meio de nexos que o leitor ativa à vontade, passando livremente de um fragmento a outro.

O hipertexto constitui-se a partir dos traços que formam os gêneros discursivos/textuais anteriores a ele, isto é, aqueles textos que Bakhtin (1997, p. 281 [1979]) classifica como pertencentes ao gênero secundário, na medida em que a essência de sua realização está relacionada “a uma comunicação cultural mais complexa e

♦ In: SILVA, Luiz Antônio (org.) *A língua que falamos: Português – história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005, p. 15-30.

* Dra. em Semiótica e Lingüística Geral pela FFLCH-USP e Profa. do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, área de Filologia e Língua Portuguesa na mesma universidade.

¹ *Interactive network* sistema de comunicação criado a partir da rede mundial de computadores.

relativamente mais evoluída” no que diz respeito às circunstâncias em que esse gênero se instaura. É produto de um processo histórico de formação, por meio do qual o gênero primário² é absorvido e transmutado.

Tosca (1999) assinala a não-linearidade como característica principal do hipertexto. Esse tipo de escritura, denominado por Bolter (1991, p. 159), de “escritura espacial” está diretamente relacionado à literatura moderna, dado que busca romper a linearidade, visando a novas formas de expressão para as quais são necessários leitores especialmente ativos. Bolter cita autores como Sterne, Joyce, Cortázar ou Borges e afirma que esses escritores nos tornam especialmente conscientes dos procedimentos textuais, ou seja, obrigam-nos a ler a estrutura do texto e não apenas o seu conteúdo.

2. A escritura e a ferramenta empregada

Toda escritura pode ser considerada um tipo de tecnologia, desde os primitivos monólitos (escritos egípcios feitos em pedra, estelas mesopotâmicas, pizarras célticas, etc.) à tela do computador, passando pela tabuinha de cera, o papiro, o pergaminho e muitas outras ferramentas de escritura entre as que se inclui o texto impresso (livro, jornal, revista, folheto, entre outros). O suporte material determina o modo como escrevemos e também nossa atitude como leitores dessa construção textual³. Dizer que a leitura de um livro ou de um jornal impresso parecem mais naturais do que a leitura via computador talvez seja somente questão de tempo e hábito.

A escritura eletrônica não deve ser encarada como um meio antinatural, mas apenas mais uma etapa de um processo evolutivo de tecnologias da escritura. Na visão de Bolter,

(...) a escritura eletrônica dá nova vida a tecnologias marginais do passado. A escritura eletrônica compartilha com a tabuinha de cera a capacidade de mudar rapidamente. Com a máquina de escrever compartilha o teclado (ao menos de momento), sua seleção de elementos alfabéticos e sua uniformidade mecânica. O computador pode servir de fotocopiadora, de agenda, de calendário ou de máquina de teletipos. De fato, é difícil pensar em uma tecnologia marginal na história da escritura que o computador não possa imitar, da mesma maneira é difícil imaginar uma tecnologia dominante (o rolo de papiro,

² Os gêneros simples são constituídos “em circunstâncias de comunicação verbal espontânea”, isto é, “em situação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”, por exemplo: um diálogo entre amigos, uma carta familiar, etc. (cf. Bakhtin, 1992:281).

³ Marcuschi (2003, p.1) afirma que “nossa sociedade foi das inscrições rupestres à pichação urbana, um caminho curioso que sugere inúmeras interpretações e não necessariamente uma evolução”.

o códice, o livro impresso), cujos elementos o computador não tome emprestado e reinterprete (p. 140).

Para um escritor não pode ser o mesmo escrever em papiro, em papel com lápis ou caneta ou em impresso, não somente a estrutura, mas também os conteúdos vêm-se afetados pelo suporte com o qual o texto é produzido: se manuscrito, impresso (texto datilografado, folheto, jornal, revista, livro etc.) ou hipertexto (*e-mails*⁴, fóruns eletrônicos, *chats* ou salas de bate-papo, *blogs*⁵, *home page*⁶, etc.), e a quem se destina o texto.

Segundo Tosca (1999), o escritor de hipertexto se vê diante de três tipos de mudança: técnica, estrutural e conceitual. O primeiro tipo tem a ver com seu suporte: a escritura eletrônica no computador. Os outros dizem respeito à ruptura da linearidade como característica essencial do hipertexto, como já se disse anteriormente. Para construir seu texto, o escritor precisa ser capaz de dominar e de combinar várias linguagens: a oral, a escrita, a visual, a informática, entre outras.

Uma das conseqüências da ruptura da linearidade é a redução ou atomização do texto, já que as idéias não são unidas por meio de uma seqüência lógica ou temporal, mas cabe ao leitor a tarefa de tomar a decisão para unificar os espaços do texto, conforme os vai ligando livremente. Desse modo, o hipertexto representa não a ausência de ordem, mas uma outra ordem.

O ponto fundamental de uma boa organização hipertextual está nos chamados *links*⁷ ou nexos, que devem ser suficientemente abundantes a fim de permitir liberdade ao leitor, mas não em excesso, já que isso poderia desorientá-lo. Certamente, o que importa é que esses *links* sejam significativos.

⁴ Correio eletrônico.

⁵ *Blog* é uma abreviação de *weblog*, qualquer registro de informações pode ser considerado um *blog*, como por exemplo, as últimas notícias de um jornal *on-line* (presente na internet, conectado à rede de computadores). A maioria dos usuários da internet, os chamados internautas, têm utilizado os *blogs* como diários pessoais, porém esse texto pode apresentar qualquer tipo de conteúdo e ser empregado para diversas finalidades. Uma das vantagens das ferramentas de *blog* é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na internet, ou seja, sem conhecimento técnico especializado. O indivíduo que já possui um *site* (localização na *World Wide Web*, isto é, “teia de alcance mundial” - cf. Vicente, 2000, p.56) pode aproveitar uma ferramenta de *blog* para atualizar seu conteúdo de maneira rápida e descomplicada.

⁶ *Home page* é a página principal de um *site*. De modo geral, essa página serve como um índice para o conteúdo restante do *site* (cf. Vicente, 2000, p. 56). Atualmente, é muito comum a criação, principalmente por parte do público jovem, de páginas eletrônicas pessoais (cf. Komesu, 1999, p. 460).

⁷ *Links* são ligações automáticas para endereços eletrônicos.

A ruptura da linearidade ou a autonomia dos leitores propiciadas pelo hipertexto transformam os conceitos básicos sobre a condição do texto e a relação autor-leitor. Desse modo, o autor de hipertexto precisa preparar o caminho para que o leitor possa ser ativo e deve estar ciente de que perderá o controle sobre sua obra de um modo mais profundo do que o escritor de texto linear, conforme comenta Tosca (1996, p. 581):

Se uma obra impressa provoca inumeráveis reações de signo diverso, imaginemos o que ocorrerá com os hipertextos se não podemos estar certos de que os leitores tenham lido o mesmo texto físico.

3. O gênero hipertextual

Construído eletronicamente, o hipertexto viabiliza a integração e a fusão de duas modalidades de uso da língua – a oral e a escrita – “em uma mesma superfície verbo-visual-auditiva de forma ubíqua e simultânea” (Xavier e Santos, 2000, p. 52). Assim, originado a partir das formas de textualização já consagradas, o texto eletrônico recria os gêneros discursivos/textuais por meio dos quais a fala e a escrita se materializam.

Para Bakhtin (*op.cit*, p. 279 e ss), os gêneros do discurso definem-se por serem “enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana”. Tais enunciados são relativamente estáveis e refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. São compostos por três elementos básicos: conteúdo (elemento temático, funções e profundidade), estilo (recursos lingüísticos: lexicais, fraseológicos e gramaticais) e construção composicional (aspectos formais, incluindo a relação entre os interlocutores e também a relação destes com a audiência, se houver), que juntos são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Ainda para esse autor, à medida que as esferas da vida e da atividade humana se desenvolvem e se tornam mais complexas, os gêneros também se modificam.

Pode-se dizer, então, que os gêneros seriam selecionados, de modo geral, a partir dos objetivos dos interlocutores e da natureza do tema tratado, sendo mais uma questão de uso do que de forma, segundo Gülich (apud Marcuschi, 1996). Para a autora, o gênero define-se por ser uma identificação empírica, mas não necessariamente a identificação de um evento. Normalmente, os usuários valem-se de traços gerais dos gêneros, adquiridos

intuitivamente para utilizá-los, dado que os gêneros apresentam um alto grau de estereotípiã. Há um saber social comum, segundo a autora, por meio do qual os interlocutores se orientam para selecionar e construir determinado gênero e não outro qualquer em cada situação comunicativa.

Do mesmo modo que a escrita reorganizou as funções sócio-comunicativas da fala e, por conseguinte, fez emergir a construção de outros gêneros do discurso inexistentes até aquele momento, no entanto, sem estabelecer uma negação, anulação ou mesmo substituição dos gêneros anteriores, as novas tecnologias permitiram o surgimento de novos gêneros discursivos. Na visão de Xavier e Santos (2000, p. 53), pode-se afirmar que:

essas novas tecnologias de comunicação, especificamente a hipermídia e o seu produto lingüístico mais significativo, o hipertexto, possibilitam o surgimento de gêneros textuais/discursivos híbridos, isto é, que fundem gêneros primários e secundários entre si num mesmo suporte físico, cujo resultado é um gênero de discurso de terceira ordem, que na esteira da classificação bakhtiniana, se poderia denominar de **gênero terciário do discurso**.

O hipertexto promove, segundo Xavier e Santos (*op.cit.*), três operações modificadoras nos gêneros do discurso, a saber:

a- **a reconfiguração das formatações tradicionais da escrita:** o texto eletrônico subverte e reaproveita os elementos básicos do texto escrito (uso de sinais diacríticos, pontuação convencional, divisão em parágrafos, seções, capítulos, etc.), resignificando-os. Esse procedimento é evidenciado por meio do uso dos *emoticons* nos hipertextos construídos durante as interações mediadas por computador em *e-mails*, salas de bate-papo, entre outros.

Os *emoticons* (*emotion* + *icons* em inglês) são ícones de emoção ou símbolos formados por sinais diacríticos e de pontuação, servem para que o usuário expresse desde emoções – como alegria, tristeza, ansiedade – até suas características físicas (cf. Nader, 2001, p. 30-31). As conhecidas “carinhas”⁸, que são melhor visualizadas se o internauta

⁸ Os *emoticons* mais conhecidos são:

:-) sorriso (alguns programas de computador já transformam esses sinais em ☺, sem que o usuário precise digitar qualquer outra tecla)

;-) sorriso com piscadela

:-(tristeza (alguns programas de computador já transformam esses sinais em ☹ sem que o usuário precise digitar qualquer outra tecla)

: -! indiferença

comunicacional plural, dinâmica e muito mais envolvente, ainda que à distância, já que os usuários passam a ter acesso a mais de uma forma de linguagem ao longo da interação” (Xavier e Santos: 2000, p. 54).

No hipertexto, há uma justaposição de três sistemas: o alfabético da escrita une-se ao pictórico e ao auditivo, criando a possibilidade de conversão para um mesmo espaço, o ciberespaço¹⁰, sistemas diferentes de linguagem e permitindo ao usuário ter acesso ao sentido de um modo mais global, tal como ocorre com a fala, em situação face a face, cuja sobreposição de elementos lingüísticos, paralingüísticos (entonação, ritmo, velocidade, altura, tom de voz etc.), e não-lingüísticos (olhares, gestos, meneios de cabeça), permitem aos interlocutores uma interação social plena.

Na verdade, em cada um dos gêneros hipertextuais percebe-se certa tendência ao predomínio de um dos sistemas sígnicos. Segundo Xavier e Santos (*op. cit*, p. 55):

Constata-se na prática linguageira das salas de bate-papo, os chamados *chats*, o emprego intenso de *emoticons* e figuras, algumas delas até com recurso de animação, a fim de se obter um ritmo conversacional mais próximo do diálogo cotidiano. O mesmo já não ocorre com os fóruns virtuais e com os *e-mails* nos quais se usam menos expressões indicadoras de emoção, poucas figuras e mais enunciados verbais.

c-a mescla¹¹ das funções sócio-comunicativas dos gêneros anteriores: o ciberespaço, como um novo espaço de enunciação, produz um novo enquadramento dos gêneros secundários e/ou primários, criando outros horizontes e expectativas e permitindo aos usuários optar por determinadas formatações lingüístico-rituais e estruturações estilísticas típicas de cada gênero. Assim, pode-se observar que um determinado gênero como o *e-mail* apresenta-se na fronteira com outros gêneros (como a carta pessoal, a carta comercial, o telegrama, o bilhete, convite, o cartão postal, entre outros) com os quais mantém certa similaridade.

Na verdade, o *e-mail* pode ser visto não só como um gênero discursivo que apresenta traços semelhantes a vários outros que comportam mensagens de pequena extensão, maior flexibilidade e formatação aberta, mas também como um suporte

¹⁰ espaço cibernético ou virtual criado por um sistema de computadores, “englobando desde os mundos da realidade virtual até simples *e-mails* (mensagens de correio eletrônico)” (cf. Nader, 2001, p. 16).

¹¹ Xavier e Santos (2000: 53 e ss) empregam o termo complexificação das funções sócio-comunicativas.

digital¹² para o envio e a recepção instantânea de mensagens às quais se podem anexar imagens, programas ou arquivos de texto contendo material extenso ou não, científico, jurídico, jornalístico, material esse que apresenta estrutura de composição mais complexa e, portanto, mais elaborada. É, pois, um gênero que preserva mais as características dos gêneros escritos dos quais deriva, mas que os desenvolve, mescla e flexibiliza, instaurando inúmeras possibilidades de construção textual.

O fórum eletrônico, por sua vez, é um gênero terciário que mantém mais semelhanças com os gêneros primários, já que é constituído por marcas de oralidade tanto no que diz respeito ao caráter composicional quanto ao tempo de execução, ainda que sua concretização se efetive por meio da escrita.

Para Xavier e Santos (2000, p. 56), esse gênero discursivo caracteriza-se por apresentar:

Períodos simples e curtos, frases truncadas, preferência por construções verbais na voz ativa, menor densidade informacional, marcas de envolvimento, presença de marcadores conversacionais, entre outras características da oralidade (...) é geralmente produzido no calor da emoção de um debate, em razão da alta polarização dos temas que geralmente são disponibilizados na rede, levando os interlocutores a darem respostas imediatas, sem uma argumentação mais sólida e amadurecida.

Em síntese, o hipertexto é construído sem uma fronteira nítida entre a oralidade e a escrita, fronteira essa que “parece se dissolver de maneira relevante no ciberespaço desse instrumento cultural, que é o computador” (Costa, 2000, p. 44). Os usuários da internet (escritor e leitor) defrontam-se com um novo processo de construção (hiper)textual que mescla formas e funções da oralidade, da escrita e da leitura.

3.1 Características gerais do hipertexto

Enquanto o texto é uma estrutura linear hierarquizada em grau forte, com elementos textuais, mais ou menos autônomos, que se ligam de modo coeso e coerente por relações de ordem, o hipertexto é uma estrutura de rede, cujos elementos textuais são elos relacionados de modo não-linear e pouco hierarquizados.

Em linhas gerais, Marcuschi (1999) resume as características do hipertexto como segue:

¹² Sobre a questão do suporte relacionada aos gêneros discursivos/textuais ver Marcuschi (2003).

- a- **não-linearidade**: característica central que se refere à flexibilidade de navegação permitida pelos elos ou nós;
- b- **volatilidade**: característica relacionada à própria natureza do suporte, que torna o hipertexto algo essencialmente virtual, já que não existe estabilidade hipertextual porque as escolhas e as conexões estabelecidas pelos usuários (escritores/leitores) são efêmeras;
- c- **topografia**: trata-se de um espaço de escritura/leitura sem limites definidos, não hierárquico ou tópico;
- d- **fragmentariedade**: característica também central que “consiste na constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou fugas”;
- e- **acessabilidade ilimitada**: podem-se buscar informações em *sites* os mais variados possíveis;
- f- **multissemiose**: a linguagem não se limita à alfabética e é possível trabalhar de modo simultâneo e integral com outras linguagens não-verbais, tais como: visual, gestual, cinematográfica, musical (cf. Bolter, 1991: 27);
- g- **interatividade**: característica semelhante a da interação face a face, com dois ou mais interlocutores em tempo real, refere-se à interconexão interativa do usuário-navegador (ou leitor) com uma variedade de textos e autores;
- h- **iteratividade**: diz respeito à polifonia e a intertextualidade, isto é, as várias formas de recursividade a notas, citações, consultas de/a outros (hiper)textos.

Para Marcuschi, a grande novidade da deslinearização do hipertexto reside no rompimento com a ordem da construção textual, tornando-se um princípio de sua construção. Entretanto, os usos lingüísticos e discursivos que o internauta pode fazer da mídia digital não afetam a estrutura da língua. Na verdade, é preciso observar e analisar as práticas sociais constituídas e não apenas a natureza da linguagem, na medida em que essa mesma mídia nos obriga a rever o conceito de interação verbal tal como concebido até então, dado que a presença física e a produção oral já não são mais condições necessárias para a realização efetiva da atividade interacional. De fato, o uso do texto agora se dá a partir de uma criação elaborada por meio de novas possibilidades de textualização, formas essas “que surgem e devem ser analisadas com cuidado, em

especial quanto aos processos de condução tópica, produção de sentido e relações interpessoais” (2002, p. 37).

Considerações Finais

Neste artigo buscou-se uma reflexão preliminar sobre o hipertexto, desvelando sua natureza e objetivando promover um novo olhar para os estudos e pesquisas sobre esse gênero que tem-se mostrado como um espaço, novo e diferenciado, de escrita. Assim, cabe também à Lingüística e as Ciências da Linguagem contribuir para que se possa conhecer de maneira mais eficaz o gênero hipertextual, na medida em que a cada dia ele influencia nossas vidas e nossas práticas lingüísticas.

Bibliografia

- BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, [original de 1979].
- BOLTER, Jay David. *Writing space. The computer, Hypertext and the History of writing*. New Jersey: Hillsdale, 1991.
- COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. *Revista Veredas*. Juiz de Fora: UFJF, 2000, v. 4, n. 1 (jan./jun.), p. 43-49.
- CRESCITELLI, Mercedes F. de C. Considerações acerca de gêneros textuais utilizados para interação na educação a distância. In: Bastos, Neusa Barbosa (org.) *Língua Portuguesa*. São Paulo: EDUC, no prelo.
- CRESCITELLI, Mercedes F. de C. e ELIAS, Vanda M. da S. Características do discurso eletrônico: interação no ensino de língua portuguesa. *Revista Intercâmbio*. Vol. XI. São Paulo: LAEL da PUC/SP, 2002.

- FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O e AQUINO, Zilda G. O de *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na internet. In: Preti, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 17-55.
- KOCH, Ingedore G.V. *Desvendando o segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOMESU, Fabiana Cristina. A prosódia na escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet. In: Moura, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL, 1999, p. 460-463.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto*. Comunicação apresentada no IV Colóquio da ALED, Santiago do Chile, 5 a 9 de abril de 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Trabalho apresentado no Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. São Paulo: USP, maio de 2002 (versão preliminar).
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. Recife: UFPE/CNPq, 18 de maio de 2003 (versão provisória).
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Bata-papo na internet: fala ou escrita? In: Moura, Denilda (org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió, EDUFAL, 1999, p. 456-459.
- NADER, Valéria Holzmann. *A interação virtual em diálogos na internet: novas possibilidades para a Análise do Discurso*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2001.
- PINO, Dino. Texto e hipertexto: 2be or/not 2be? *Letras*. Universidade Federal de Santa Maria, 2000, n. 20 (jan/jun), p. 125-174
- TOSCA, Susana Pajares. Escrever hipertexto. In: GARRIDO, Joaquín (org.) *La lengua y los medios de comunicación - Actas del Congreso Internacional*. Universidad Complutense de Madrid. 1996, p. 575-586
- URBANO, Hudinilson. Uso e abuso da linguagem na internet. *Informe - Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP*. Nova Série n. 24, setembro de 2001, p. 1-3.

VICENTE, Helena da Silva Guerra. *Relações de gênero social e democracia na internet*.
Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2000.

XAVIER, Antonio Carlos. *Hipertexto: novo paradigma texto?* www.unicamp.br/~hytex
1999 a.

XAVIER, Antonio Carlos. *Leitura, texto e hipertexto*. www.unicamp.br/~hytex 1999b.

XAVIER, Antonio Carlos e SANTOS, Carmi Ferraz. O texto eletrônico e os gêneros do
discurso. *Revista Veredas*. Juiz de Fora: UFJF, 2000, v. 4, n. 1 (jan./jun.), p. 51-57.